

Sumário

Introdução	7
Implicações de um campo longínquo	10
Dia a dia: algumas abordagens metodológicas	11
Laos	19
O Reino de um Milhão de Elefantes	21
A criação do Laos	23
Revolução Vermelha	25
Laonização	27
Budismo teravada: conceitos e abordagens teóricas	33
O budismo	33
A doutrina dos anciãos	35
O budismo teravada e a definição de religião	36
Algumas abordagens teóricas sobre o budismo no sudeste asiático	43
Mérito	51
A procissão em imagens	61
A procissão	91
Provedores locais	91
Turistas	100
Vendedoras de oferendas	109

Crianças pedintes	115
<i>Sangha</i>	123
Considerações finais	139
Referências	143
Agradecimentos	151

Introdução

Na cidade de Luang Prabang, diariamente, junto com os primeiros raios de sol, monges e noviços, vestidos com panos de alaranjado reluzente, caminhavam rápido, em fila, com cumbucas nas mãos. Por eles esperavam pessoas ajoelhadas pelas calçadas da cidade, munidas com as oferendas que seriam entregues ao cortejo. Este livro, fruto de minha dissertação de mestrado para o Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (PPGA-UFF), tem uma ambição simples: descrever essa cerimônia e analisar alguns dos principais elementos de sua contextura.

Estive no Laos pela primeira vez em fevereiro de 2010. Viajava com amigos neozelandeses por países cujos nomes meus ouvidos estranhavam. Essa primeira visita não tinha qualquer intenção acadêmica. Contentava-me em abraçar aquele mundo novo e me dividia entre a angústia e a excitação de buscar compreender aquilo tudo. Por maiores que fossem as diferenças entre o Brasil e a Nova Zelândia, lugar de onde vinha, elas pareceriam sutis, ou meramente formais, diante de todo o estranhamento que o sudeste asiático me despertava.

Embora já pensasse em um mestrado em antropologia, parecia uma ousadia desmedida estudar pessoas de um lugar tão distante. Foi no pátio de um dos templos de Luang Prabang que passei a acreditar que essa pesquisa seria possível. Ali, conversei com um noviço cujo nome e feições não me recordo – e que tampouco pude rever em minha última visita. Ele estudava inglês e veio tirar uma dúvida. Trocamos perguntas e respostas. Não conversamos sobre o “Eu” budista, não discutimos os meca-

nismos do mérito, mal saímos de uma conversa corriqueira. Foi o suficiente, contudo, para me convencer de que o diálogo seria possível. Percebi que aquele sujeito estava mais próximo de mim do que aquele traje de cor exótica parecia sugerir. Mostrava-se tão interessado quanto eu em estender aquela conversa. Quaisquer roupagens me pareceriam, dali em diante, menos importantes.

Em uma das manhãs seguintes, observei a procissão pela primeira vez. Não é tempo ainda de descrevê-la. Cabe aqui dizer que dela fiquei sabendo pelas dicas de outros viajantes, sobretudo mochileiros europeus. Ninguém ia ao sudeste asiático, ou ao Laos, somente para observá-la, mas, uma vez em Luang Prabang, devia-se ouvir falar da cerimônia bonita que ocorria ao amanhecer, e o próprio *Lonely Planet*, bíblia turística desses viajantes, lhe dedicava alguma nota. Ainda que, em tese, a procissão fosse realizada por todo praticante do budismo teravada, afirmava-se que ela era, sobretudo no Laos, ainda praticada. Em Luang Prabang, havia ganhado status de atração turística.

Ao elaborar o projeto que deu origem a este livro, não tinha mais do que vagas ideias a respeito da procissão. Essas ideias eram apoiadas, principalmente, nas memórias e impressões que guardava e nos textos de alguns autores utilizados que, via de regra, a tratavam de maneira apressada. Foi somente de volta a Luang Prabang, em 2012, que pude perceber sua importância e busquei compreender como ela se relacionava com os moradores daquela comunidade. As ideias que trazia do projeto original já não se adequavam à nova maneira como passei a observá-la, e acredito que não havia como ser diferente.

Eu pretendia estudar uma procissão por oferendas, conhecida em Luang Prabang como *Tak Baht*, realizada todos os dias ao nascer do sol, e protagonizada por dois personagens: os monges (e noviços), que caminhavam em um trajeto pelas ruas principais; e seus provedores, que por eles esperavam ajoelhados, por todo o caminho que percorreriam, com cestas de bambu cheias de arroz e outros alimentos. Monges e noviços não podem – ou não devem – lidar com dinheiro, dependendo, assim, de seus provedores. Estes últimos, por sua vez, precisariam dos monges,

pois doar-lhes oferendas seria uma forma de “fazer mérito”, ação importante dentro da filosofia budista teravada. Eu desenhava, no projeto, uma relação de reciprocidade entre esses personagens, e era essa relação que buscava entender.

No entanto, de volta ao Laos, ao observar a procissão diariamente, não demorei a constatar que ela estava muito mais vinculada à comunidade do que eu imaginava, e que esses personagens, admitidamente protagonistas, não eram os únicos. Pude perceber que, a partir da cerimônia, poderia ser possível compreender as relações entre os distintos atores de Luang Prabang, bem como, a partir dessas relações, buscar entender a procissão – que então se apresentava com novos elementos e participantes.

Além dos monges, noviços e provedores locais, diferentes personagens tomavam parte na procissão. Ainda que cada um seja abordado adiante, vale mencionar: os “turistas”, que em determinada época do ano se amontoavam em parte do percurso; as “vendedoras”, que, não budistas, comercializavam oferendas com a objeção incisiva dos monges; e os “pedintes”, crianças pobres que esperavam a procissão junto aos provedores, mas, ao invés de trazer oferendas, dos monges e noviços esperavam alguma esmola, pois somente aos últimos as oferendas deveriam ser doadas. Monges, noviços, provedores locais, turistas, vendedores, pedintes, todos participavam, diariamente, da procissão. Desconsiderar qualquer um dos atores que a compunham seria como buscar enxergar a cerimônia tal qual descrita pelo projeto, ou pelas passagens dos autores utilizados de antemão, o que, no entanto, não corresponderia à experiência que obtive.

Como pretendo demonstrar, a partir desses personagens e dos diferentes contextos por eles suscitados, é possível compreender como a procissão é entendida e executada atualmente, e de que forma nela se encontra representada a comunidade de Luang Prabang.

Implicações de um campo longínquo

Não há como deixar de reconhecer uma série de dificuldades que acompanharam a concepção deste livro. Dos problemas previstos desde o projeto aos contratemplos encontrados no campo, sempre soube que essa realização envolveria desafios.

A pesquisa não foi realizada em lao, o idioma majoritário, de cerca de metade da população do país, discutido adiante. Embora tenha me dedicado diariamente a aprendê-lo, e que tenha conseguido entender sua estrutura, construir frases e adquirir algum vocabulário, durante os meses em que estive em Luang Prabang, seria impossível dizer que me tornei fluente.¹ Com os monges e noviços, o problema era menor, pois, de maneira geral, falavam inglês bem e estavam sempre dispostos a desenvolver conversas nessa língua. Com os outros moradores da cidade, não era tão simples. Acabei tendo de privilegiar aqueles que, por trabalhar com turismo, dominavam, em maior ou menor medida, o idioma. Reconheço as implicações dessa deficiência e, também por observá-la, foram revistos os objetivos inicialmente propostos.

Foi com os monges, e principalmente com os noviços, que tive maior contato. Isso não quer dizer que não tenha desenvolvido a pesquisa junto com outros moradores da cidade – a cada almoço e jantar, por exemplo, pude desenvolver relações com outros interlocutores. Mas era com os monges e noviços que passava a maior parte do tempo e foi com alguns deles que pude estabelecer relação mais próxima. É preciso salientar que a perspectiva deles ocupa, portanto, lugar privilegiado para meu entendimento da procissão.

Há pouquíssimos textos publicados no Brasil que abordam o Laos ou o budismo teravada. Não houve, pois, grandes diálogos com interlocutores daqui. Foi possível, no entanto, encontrar bons trabalhos sobre esses temas, sobretudo em inglês, ainda que mesmo estes não se dedicassem exclusivamente à procissão. Certamente, este livro poderia ter alcançado melhores resultados

¹ Utilizei-me, principalmente, do livro *Lao for Beginners: an introduction to the spoken and written language of Laos* (Hoshino; Marcus, 1995).

fosse o tempo que estive em campo maior. A completa solidão em um campo distante, perder alguns quilos por desarranjos intestinais e os empecilhos da burocracia do país comunista não me incomodaram tanto.

Por todas essas razões, bem como pela experiência obtida no campo, os objetivos deste livro tornaram-se menos ambiciosos do que aqueles propostos em um primeiro momento. Optei por realizar uma etnografia de extrapolações medidas. Tendo em vista os desdobramentos possíveis, este deve ser aceito como um trabalho preliminar, com reconhecidas limitações.

Dia a dia: algumas abordagens metodológicas

Para realizar a pesquisa, estive no Laos, pela segunda vez, de meados de julho ao início de novembro de 2012. Durante o período, presenciei as monções e o começo da estação seca. Assim que cheguei, havia poucos turistas em Luang Prabang – o número foi aumentando com a diminuição das chuvas. O período das monções foi menos complicado do que imaginava. Ainda que chovesse muito, as duchas eram leves e intermitentes; a princípio, pareciam não causar tanto impacto sobre as atividades cotidianas. A procissão ocorria todos os dias, impreterivelmente, com ou sem elas.

Assim que cheguei à cidade, hotéis e pousadas, quase vazios, cobravam diárias menores durante os meses de chuva. Depois de bater nas portas de algumas pousadas, já com roupas e malas molhadas da garoa que caía de manhã, finalmente parei na View Khem Khong, bem próxima do rio Mekong. A princípio, achei o lugar um pouco caro, mas consegui fazer negócio com a dona prometendo ficar por mais tempo. Acabei pagando 50 mil kips (cerca de seis dólares) por dia. Renovava o acordo a cada duas semanas, pois queria contar com a possibilidade de me mudar se julgasse conveniente. Por algumas razões, decidi permanecer ali pelos meses seguintes.

A View Khem Khong era uma pequena pousada (*guest house*) – na realidade, uma casa transformada em hotel – administrada por

uma senhora com a ajuda de sua irmã e da filha. Elas cuidavam também de um pequeno restaurante, do outro lado da rua, bem às margens do Mekong.² Ainda que a mãe tivesse de ser sempre consultada, a pousada era gerenciada pela filha que, deitada no sofá assistindo à TV ou acessando a internet pelo *tablet*, aguardava que algum hóspede solicitasse sua presença no balcão. A simpática e corpulenta Ampay, da etnia Lao, tinha cerca de 30 anos e falava inglês bem. A mãe e a tia passavam a maior parte do tempo atendendo o restaurante.

Durante as noites, quem ficava na sala/recepção era um rapaz chamado Vee, da etnia Hmong. Ele chegava ao entardecer, ajudava a guardar os utensílios do restaurante, jantava, assistia à TV e dormia no sofá antes de preparar o restaurante na manhã do dia seguinte. Veio de uma pequena cidade do interior do país para trabalhar e estudar em Luang Prabang. Vee foi acordado por mim, involuntariamente, às 5h30 de cada um dos dias em que ali estive – eu tinha de sair pela sala para ir observar a procissão. Com ele fiz boa amizade, todas as noites me ajudava com minha sofrível pronúncia lao e eu corrigia seus exercícios de inglês. Foi também graças a ele que pude começar a compreender a relação dos hmongs com a procissão e com as demais etnias, discutida adiante.

Eu despertava diariamente por volta das 5h para observar a procissão. Ainda não havia sol. Os primeiros raios chegavam pouco antes dos monges. Posicionava-me em diferentes pontos a cada dia; só voltava aos mesmos postos para continuar conversas já iniciadas com alguns dos provedores – que iam sempre ao mesmo lugar. Eu seguia, então, para uma pequena praça, um pouco afastada da parte mais turística, mas ainda na rua principal, a Sisavangvong, onde havia tendas que vendiam batidas de frutas, sanduíches e café. Todas as manhãs, comprava café com duas moças de tendas diferentes. Mimi, da etnia Lao, era recém-casada e tinha sempre um livro de inglês nas mãos. A outra, que conheci dias depois, chamava-se Mó, era hmong e vinha de uma

² O turismo em Luang Prabang, tratado aqui de maneira sucinta, será abordado no quarto capítulo.

cidadezinha próxima de Luang Prabang. Ela cuidava da tenda com o irmão e juntava dinheiro para voltar à faculdade que teve de interromper.

Depois do café, eu voltava a meu quarto para estudar lao, durante as manhãs, antes de ir almoçar. Na cidade, havia diferentes tipos de restaurantes, desde os mais finos, próximos aos hotéis, aos mais baratos, que buscavam atrair mochileiros. Costumava optar por aqueles frequentados tanto por turistas como pela população local. A dois deles passei a ir com frequência. O primeiro, na frente da praça das tendas, tinha mesas distribuídas em uma sala cuja parede de entrada foi derrubada para ligá-la à calçada. O restaurante era administrado por uma família. A mãe e a filha mais velha cozinhavam enquanto os filhos adolescentes serviam os clientes. Era frequentado principalmente pela população local, mas alguns visitantes nele se aventuravam, embora não houvesse cardápio ou decoração turística. Serviam os pratos sem nenhuma adaptação, exatamente como comiam os moradores locais. Havia sempre uma TV ligada, sintonizada quase sempre nos canais tailandeses, pelos quais os adolescentes viam cliques de música enquanto atendiam os clientes. A família era lao, e por vezes, participava da procissão.

O segundo restaurante era uma espécie de tenda montada na frente de um bazar, bem ao centro da rua principal. Era mantido por um jovem casal lao que se revezava para cozinhar e atender os clientes. Tom foi meu primeiro contato em Luang Prabang. Era um sujeito surpreendentemente atento ao que acontecia fora do país e bastante comunicativo – disse ter aprendido inglês sem qualquer material didático, apenas conversando com os clientes. Era principalmente com ele que procurava tirar eventuais dúvidas não sanadas pelos monges e noviços. Ele me presenteava cada dia com uma nova fruta desconhecida, e tinha paciência para escutar e corrigir meus lentos pedidos em lao.

Outros moradores da etnia Lao com quem me relacionei foram Chia, uma professora de inglês de cerca de 50 anos que nunca se casou; e Ken, que havia casado com um americano e, depois de passar alguns anos nos Estados Unidos, decidiu voltar

com o marido para o país, pois estavam cansados do “estresse” das grandes cidades.

De volta ao meu quarto, esperava baixar o sol a pino – ou a chuva – para ir aos templos. Decidi visitar, um por dia, cada um dos 33 templos de Luang Prabang. Em cada templo, ou *wat*, havia um pátio com mesas e bancos de pedra onde os noviços costumavam estudar. Ali me sentava e passava as tardes lendo. Não demorava muito para que um noviço viesse tirar alguma dúvida sobre exercícios de inglês, ou para perguntar de onde vinha, e assim praticar o idioma. Fui, assim, conhecendo muitos deles. Dizia que estudava lao, o que achavam curioso, mas se propunham a me ensinar, enquanto eu corrigia seus exercícios de inglês. Aprender lao teve na pesquisa papel importante. Ainda que não tenha me tornado fluente, e assim não tenha podido conversar tanto em seu idioma, essa interação foi imprescindível para iniciar e desenvolver as conversas; aprender lao tornou-se pretexto útil para começar diálogos, assim como para marcar encontros subsequentes.

Eu não dizia o que fazia em Luang Prabang até que me fosse perguntado. Por vezes, conversávamos sobre diversos temas antes que o assunto viesse à tona. Não queria que me vissem somente como um sujeito em busca de informações específicas. Tampouco tinha a preocupação de chegar sempre aos tópicos que me interessavam. Percebi que muitos assuntos que, a princípio, não pareciam pertinentes, acabavam sendo relacionados à procissão. Dificilmente marcava entrevistas e, quando o fazia, não as gravava, apenas anotava. Talvez tenha adotado tal postura em oposição à minha experiência como jornalista, pela qual tinha a impressão de que transformar o encontro em um evento atava o diálogo às minhas perguntas (não foi diferente com as entrevistas marcadas com um grupo caiçara que estudei na Ilha do Cardoso, em uma etnografia que realizei em 2008). Isso não me impedia, contudo, de levantar temas que me interessassem ou de sugerir que falássemos sobre a procissão.

Com o passar do tempo, decidi que seria proveitoso estabelecer-me em um só lugar, deixando de estar a cada dia em um

templo distinto – embora continuasse a visitar, ocasionalmente, outros mosteiros. Foi no *wat* Paphai, próximo de minha pousada, que decidi permanecer. Acreditei que ali poderia desenvolver relação mais próxima com os noviços; sentia-me bem-vindo para conhecer seu dia a dia. Foi o que aconteceu.

Meu principal interlocutor durante a pesquisa foi um noviço chamado Serth. Aos 18 anos, ele passava por um momento de grande indecisão: teria de optar entre ser ordenado monge e passar a vida no mosteiro, ou abandonar a vida monástica para estudar na universidade. Sua família cultivava arroz em uma pequena cidade ao norte do país. Ele tornou-se noviço, já havia três anos, graças ao pedido de sua mãe. Falava inglês fluentemente, era muito dedicado aos estudos, sobre budismo ou não, e tinha uma postura de sabedoria que o diferenciava dos demais noviços, muitas vezes não tão empenhados – o que me fez ter de confirmar algumas vezes sua pouca idade.

Além dele, dentre os 23 noviços do *wat* Paphai, aproximei-me também de Phersavong, mais jovem, um pouco preguiçoso e bem-humorado, e de Bandit, rapaz tímido e muito curioso pelo que acontecia fora do país. Assim como Serth, a maior parte dos noviços de Luang Prabang tinha famílias no interior e foi enviada aos templos para estudar. O abade desse *wat* era jovem, talvez o menos experiente da cidade. O antigo líder havia morrido pouco tempo antes de minha chegada, e ele o substituiu provisoriamente. Era um rapaz sério que tratava os noviços com alguma rigidez – diziam-me que o velho falecido era doce e brincalhão. Com ele conversei algumas vezes, mas, assim como com outros monges da cidade, recebia respostas canônicas, não muito diferentes daquelas que encontrava nos livros. Com os noviços era diferente: não se preocupavam tanto com o que estavam dizendo e a convivência maior parecia permitir que se sentissem livres para dizer o que pensavam.

Durante as primeiras conversas, evitei trazer no pescoço a máquina fotográfica. Não foi uma decisão prévia, mas percebia que a câmera despertava uma série de preconceitos. Como me sugeriu certa vez um noviço, a presença da câmera parecia dizer:

“sou um visitante que precisa de uma lembrança deste lugar antes de partir”. Era o turista quem a portava, e não era assim que buscava ser percebido. Adiante, discutirei a relação dos turistas com monges, noviços e a comunidade. Por ora, vale adiantar que estabeleciam um tipo de relação peculiar, cujas conversas costumavam trazer perguntas esperadas, respostas repetidas e duração prevista. Eu buscava, mesmo que ingenuamente, evitar ser assim caracterizado.

Minha hesitação em levar a câmera, no entanto, diminuiu com o passar dos dias. Passei, aos poucos, a acreditar que estava em um lugar diferente daquele ocupado pelos turistas, que dificilmente ficavam mais do que um par de dias em Luang Prabang. Parecia que se acostumaram, por fim, a me ver perambulando com a câmera nas mãos. Também utilizei as imagens para discutir, com monges e noviços, momentos da procissão. Mostrava, no pátio do templo, pelo próprio visor da câmera, fotografias acompanhadas de uma série de dúvidas. “Qual deve ser a postura de quem doa, e de vocês quando recebem? Por que não sorriem? É essa sempre a ordem dos noviços e dos templos? Quem são essas crianças pedindo?” Enfim, pude deparar-me com detalhes que poderiam passar despercebidos não fosse a análise das imagens junto a eles.

Já familiarizado com o Paphai, fui convidado a participar das meditações que ocorriam diariamente nos templos. Não que o convite fosse necessário, mas aguardava que fosse deles a iniciativa. Por volta das 17h30, monges e noviços se reuniam nos *wats* para os cantos, antes de meditar. Sentados atrás dos bonzos, posicionavam-se as “monjas” e alguns moradores. Na maior parte das vezes, eu era o único forasteiro. A princípio, sentia que minha presença causava algum estranhamento. Mesmo que alguns turistas já tivessem participado, dificilmente voltavam no dia seguinte, e nunca diariamente, por tanto tempo. Percebia que minha presença tornava-se cada vez mais naturalizada e que já esperavam que eu estivesse presente. Uma das “monjas”, certa vez, perguntou por que eu não raspava o cabelo como os noviços, despertando risadas inesperadas nos que estavam presentes. A meditação acabava por volta das 19h: os olhos fechavam-se quando ainda havia luz e voltavam a se abrir em meio à completa

escuridão.³ Logo após, costumava ir comer um sanduiche na tenda da Mó ou tomava apenas uma batida de frutas. Voltava, então, a meu quarto para dormir, já me preparando para a procissão da manhã seguinte.

Certa vez, em uma manhã de lua cheia (ocasião em que provedores locais comiam nos templos junto com monges e noviços), encontrava-me no pátio escrevendo quando fui convidado pelos moradores a participar da refeição.⁴ Naquele momento, tive a impressão de que minha presença passava a ser entendida de maneira diferente, de que talvez não me vissem mais como um ordinário adventício – mesmo com a desconfiança de poder estar me iludindo.

O primeiro capítulo apresenta o Laos, uma nação de fronteiras recentes cuja história é permeada por controvérsias étnicas e religiosas. Esse capítulo dedica-se a uma breve caracterização histórica e política do país. O segundo aborda princípios do budismo, a forma como diferentes autores dedicaram-se à definição de religião utilizando-se da Escola Teravada, além da sucinta revisão de trabalhos proeminentes sobre o budismo no sudeste asiático. Com o terceiro capítulo, discuto a ideia de “fazer mérito”, princípio da prática budista, no que concerne, fundamentalmente, a monges, noviços e provedores locais. Esses capítulos, mais do que mera formalidade introdutória, são fundamentais para que a procissão e seus personagens possam ser compreendidos. Finalmente, no quarto capítulo, a etnografia da procissão. Descrevo-a a partir de seus participantes, buscando abordar os diferentes contextos suscitados pela presença de cada um deles. Considero, por fim, como disposições étnicas, religiosas e econômicas, além da atual presença e influência dos turistas, explicam a procissão, bem como são por ela reveladas, na cidade de Luang Prabang.

³ Tanto a meditação como as “monjas” serão abordadas adiante.

⁴ Como será discutido no quarto capítulo, os dias de lua cheia têm significado especial para os praticantes do budismo teravada. Nessas ocasiões, os monges e noviços raspam os cabelos, o tambor é tocado em diferentes momentos e a comunidade budista faz uma refeição especial junto aos bonzos dentro dos templos. Nesses dias, a participação de provedores locais na procissão é muito maior.